

Pepito : Grandeza e Exemplo de um Guineense

Carlos Augusto Schwarz da Silva (Pepito), nasceu em Bissau a 1 de Dezembro de 1949. Ainda estudante, militou na clandestinidade pela libertação da Guiné-Bissau. Engenheiro agrónomo de profissão e paixão, desenvolvimentista de convicção, humanista, Ministro, deputado da Nação, conselheiro de 1º Ministro, foi um visionário, revolucionário, líder e transformador de sociedades. Dotado de uma inteligência aguda, enorme perspicácia, vasta cultura geral e científica, e de uma lendária capacidade de trabalho, foi um inovador incansável.

Sempre fugiu dos lugares comuns que não levavam a parte alguma, ou de justificações por falta de iniciativa ou tarefas não executadas. Nunca receou navegar por águas novas, profundas, com muita corrente ou pouco balizadas. Ou aparentemente incompatíveis com a sua disciplina de formação, a agronomia. Fê-lo com determinação, responsabilidade e rigor. Tudo o que era guineense lhe interessava.

O Pepito viveu adiantado em relação à sua época. Muitas das coisas que o Pepito fez, parecem hoje simples e lógicas, mas antes dele ninguém ou muito poucos tinham pensado ou acreditado nelas. Ele não se contentava com sonhar e partilhar os seus sonhos com amigos ou conferencistas de ocasião. Fazia tudo para traduzir os seus sonhos em realidades palpáveis. A sua obra foi o resultado da sua visão, dedicação e muito trabalho. É dele a frase inspiradora: *Desistir é perder, insistir é vencer.*

O Pepito foi um rebelde. Rebelde contra a inércia, a arrogância, o despotismo, o nepotismo, o abuso do poder e da autoridade,

Criou e dirigiu o então Departamento da Pesquisa Agrícola (DEPA) do Ministério do Desenvolvimento Rural que lançou as bases da segurança alimentar e nutricional no nosso país. Analisou e compreendeu como poucos o papel intrínseco das diferentes culturas e espécies animais no nosso país. O Pepito criou três centros de pesquisa agrícola em Contuboeil, Caboxanque e Quebo. A Ciência e a Pesquisa deviam encontrar respostas aos seus próprios estrangulamentos, assim como aos estrangulamentos da agricultura guineense. Recusou a Ciência pela Ciência. A Ciência dos relatórios, publicações e conferências, longe das prioridades, características e possibilidades do agricultor guineense a curto e médio prazo. Concebeu a investigação como fonte de conhecimentos e de tecnologias para a prática imediata, concreta. Mas também para servir de base para a formulação de políticas e estratégias de desenvolvimento efetivas e produtoras de impacto.

Sem complexos, mas com uma visão teórica e pragmática extraordinária, o Pepito defendeu com determinação, a pesquisa adaptativa e dentro desta, os segmentos mais próximos da vulgarização. Foram concebidos programas de pesquisa com potencial de produzir resultados que pudessem rapidamente ser postos à disposição do produtor. Colocou, dessa maneira, o DEPA no grupo de reflexão de vanguarda sobre os caminhos da pesquisa agrícola africana. O DEPA e a Guiné-Bissau conquistaram respeito e simpatia nos Centros de pesquisa agrícola africanos e internacionais. Os seus técnicos viajaram pelo mundo fora, aprenderam, regressaram e *pagaram o seu quinhão*, contribuindo para o desenvolvimento da nossa agricultura. O Pepito exigia dos seus técnicos que trouxessem

novos conhecimentos, identificassem inovações e contactos que servissem depois. As missões de serviço não eram viagens de turismo ou oportunidades de perdiem... Repetia todos os dias aos seus colaboradores: *precisamos de coisas novas*.

Paralelamente à pesquisa em estação, a pesquisa em meio camponês, realizada por técnicos e pelo próprio camponês, constituiu a outra face da pesquisa. O investigador perdeu o seu complexo de superioridade em relação ao camponês, e este perdeu o seu complexo de inferioridade em relação ao investigador. Os Centros de Pesquisa do DEPA eram centros de desenvolvimento.

Graças ao Pepito, o DEPA introduziu, testou, adaptou, produziu e vulgarizou variedades mais produtivas da principal cultura da Guiné-Bissau - o arroz. Dos inputs agrícolas, o material biológico é o mais importante e o mais seguro. A vertente operacional desta análise correta foi a produção e certificação de sementes de variedades melhoradas de bom rendimento e perfeitamente adaptadas às condições ecológicas, agronómicas, sociais e económicas do nosso camponês e do país. Introduziu variedades, técnicas de produção, fitosanidade, gestão de água e de solos melhoradas na cerealicultura, horticultura e fruticultura. Em Coli (Quebo), o Centro Frutícola dotou-se de tecnologias modernas, entre as quais a multiplicação in-vitro para produzir propágulos sãos de variedades com alta procura no mercado interno e regional. A Guiné-Bissau estava no bom caminho!

Através da transformação e comercialização de produtos agrícolas, o Pepito e os seus colaboradores criaram cadeias de valores agrícolas nas tabancas mais recuadas do país. A instalação de descascadoras de arroz motorizadas instaladas em tabancas e geridas por Comités de camponeses são um exemplo muito expressivo do pensamento estratégico do Pepito. A transformação de produtos agrícolas é instrumento que multiplica os seus efeitos transversalmente e integra sectores: aumento substancial da produtividade humana, diminuição da dureza do trabalho sobretudo para as mulheres, redução significativa das perdas, melhoria da qualidade do produto final, valorização dos sub-produtos e oportunidades de mercado. E não menos importante, contribuição para o emprego moderno para os jovens das tabancas e a criação de novas dinâmicas organizativas e empresariais no mundo rural.

Exigia muito dos outros e muito mais de si próprio. Considerou que o técnico deve aprender sempre, aceitar permanentemente novos desafios. Aprender com a ciência, aprender com a prática. Por melhor o que se fez, não chega. Dizia que *ninguém dá provas uma única vez*. Para os técnicos do DEPA, de outros departamentos do Ministério do Desenvolvimento Rural e outros organismos, impulsionou e organizou nos anos 80 e 90 vários Seminários e encontros. Entre eles, os Encontros Nacionais de Técnicos Agrícolas (ENTA). Estes foram momentos de uma enorme tensão construtiva, traduzida por preparação rigorosa, aprendizagem mútua, reflexões fecundas sobre o sentido, as opções e vias do desenvolvimento agrícola e rural. Todos aqueles que participaram nesses laboratórios do desenvolvimento agrícola nacional, verdadeiras carteiras de escola, se recordam, com saudades e emoção, daquelas circunstâncias ímpares do desabrochamento e evolução das suas carreiras de técnicos e de atores de desenvolvimento.

Sob a liderança do Pepito, o DEPA e mais tarde a AD conferiram às ações de desenvolvimento a sua necessária dimensão ambiental. Proteger a Natureza, para servir o

Homem e apoiar o desenvolvimento. Lançou bases importantes para preservar, consolidar ou restaurar a capacidade produtiva dos recursos naturais, indispensável para a agricultura e as pescas e outros serviços do eco-sistema. Para a nossa prosperidade atual e o nosso futuro. Disso são exemplos a conservação dos eco-sistemas do mangal no Norte e no Sul e da Mata de Cantanhez, a última floresta sub-húmida da Guiné-Bissau. Concebeu e impulsionou o eco-turismo nas regiões de intervenção da AD. A dar os seus primeiros passos, o eco-turismo é um conjunto de atividades com um quadrúpulo objetivo: ambiental, social, cultural e económico.

Com o envolvimento direto das comunidades, a AD construiu e equipou 30 Escolas de Verificação Ambiental em Cacheu, Tombali e Quelélé. Elas são uma demonstração da grande importância que o Pepito atribuía aos professores, alunos e pais de alunos na criação e gestão de conhecimentos e atitudes ambientais corretas e à implicação direta e dinâmica das comunidades na gestão racional dos recursos.

Estudou profundamente, com avidez e fascinação o pensamento e a obra de Cabral, muito particularmente no domínio da Cultura. A Cultura como fundamento da liberdade e da identidade nacional, mas também como um imperativo do desenvolvimento económico e social. Recusou todos os oportunismos de natureza cultural ou outra, assim como qualquer ideia ou justificação de que para sermos nós próprios temos que rejeitar, por princípio, a cultura dos outros. Quis sempre, como pesquisador agrícola, líder de desenvolvimento, amante da cultura e cidadão do mundo, aprender com o saber e a experiência dos outros. Mas nunca pactuou com a alienação cultural ou a ideologia que pretende que os caminhos do desenvolvimento estão já todos traçados nas grandes capitais deste mundo. Sempre *pensou com a sua própria cabeça e andou com os seus próprios pés*. Como Cabral pedia a todos os guineenses.

Entendeu e praticou a Cultura como visão do mundo, relação com a Natureza, relacionamento entre as pessoas, conhecimentos, modo de vida, expressões artísticas. O Pepito contribuiu para despertar um interesse renovado pelas artes populares guineenses como fatores de enriquecimento espiritual e como veículos de identidade, de comunicação, com ou sem palavras. De conhecimento mútuo, unidade e paz. Entre os guineenses e com as populações dos países vizinhos. Realizaram-se festivais transfronteiriços e intercâmbios diversos com o Senegal e a Guiné-Conakry.

As mandjuandadis, a dança e o teatro passaram a fazer parte integrante da agenda da AD. A música moderna guineense e em particular os jovens artistas também beneficiaram da obra do Pepito. O estúdio de gravação Bissom foi criado em Quelélé e continua a oferecer oportunidades a cantores e grupos modernos e tradicionais. Pepito ainda planeou a criação de um museu da música guineense que a AD considera uma obrigação realizar. A Cooperativa Cultural *Os Fidalgos* são desde há anos uma certeza na paisagem teatral guineense, tendo já defendido com brio o nome e as artes guineenses em várias partes do mundo. Não hesitou em apoiar os nossos cineastas nacionais, tendo apreciado e elevado ao mais alto nível a sua independência indomável e o seu contributo para a causa da independência nacional e a necessária crítica fecunda ao andamento da Sociedade.

Foi um panafricanista convicto. No domínio da Cultura, mas também da Ciência, da Economia e da História. Os técnicos do DEPA e da AD assim como grupos de camponeses,

jovens, homens e mulheres visitaram os países vizinhos e outros da África para aprender e partilhar conhecimentos e tecnologias agrícolas e de desenvolvimento. Privilegiou o comércio agrícola intraregional, pois analisou e compreendeu o papel complementar da ecologia e da economia dos nossos países. Dizia, com muita justeza, que o mercado regional de produtos agrícolas é aquele que oferece melhores oportunidades aos nossos produtos e que na hora atual, o mercado extra-africano de produtos agrícolas é, em muitos casos, uma ilusão perigosa, pois não podemos influenciá-lo e comporta riscos que não estamos em condições de controlar. Ele fez parte do grupo dos guineenses que se insurgiu contra a política de retrocesso da economia guineense a uma economia de troca entre o arroz e a castanha de cajú. Em pleno século vinte, as contas externas e a soberania alimentar do país tornaram-se reféns de um só produto.

A História é e deve continuar a ser um guia para o presente e o futuro. O Pepito inspirou-se muito na luta de libertação nacional, como motivo de orgulho de sermos nós, por nós próprios. Como fonte de ensinamentos, fator e cimento da unidade nacional e afirmação na comunidade das Nações livres. Profundo conhecedor do Sul do país, incomodava-lhe muito o facto de poucos esforços serem feitos para manter viva a memória da luta e das zonas libertadas. Os guineenses libertaram-se e, lutando na mesma trincheira, contribuíram com o seu sangue para libertar o povo caboverdiano. Contribuíram para libertar o próprio povo português quando este se ergueu e pôs fim ao sistema fascista. Guiledge é o símbolo da vitória militar que consolidou a vitória moral guineense sobre o colonialismo português na Guiné-Bissau e em África. O fim do Império! Guiledge inscreveu o seu nome no palmarés das vitórias dos povos oprimidos. O Pepito organiza o Simpósio de Guiledge em Março de 2008. Um marco na nossa memória coletiva e também na reconciliação, baseada na Verdade, entre os combatentes e os povos dos dois lados da linha da frente.

Na sequência do Simpósio, o Pepito dirigiu a construção do Museu da Luta de Libertação em Guiledge. A Guiné-Bissau tinha enfim o seu museu da Luta. A memória da sua História recente. O Pepito, juntou-se aos Combatentes da Liberdade da Pátria das zonas libertadas do Sul para que a memória das barracas de guerrilha, dos sacrifícios e da odisséia do combatente guineense desconhecido perdure. Ao trabalho de memória da Luta, que a morte lhe impediu de concluir, Pepito ligou ações concretas para melhorar as condições de vida dos Combatentes da Liberdade da Pátria e suas famílias. Para que as zonas que foram as primeiras a se libertarem do colonialismo, se libertem também das amarras do abandono, pobreza e miséria.

É também ele que tem a iniciativa da criação do Memorial da Escravatura e do Tráfico Negreiro em Cacheu, sempre na perspectiva de que devemos conhecer e assumir a nossa História na íntegra e reforçar a nossa identidade e unidade como povo na sua diversidade. Muitas das raízes, explicações e contributos para a nossa cultura e atitudes têm como origem essa época. Os guineenses devem pesquisar, escrever e conservar a sua própria História e tirar dela as indispensáveis lições positivas e negativas. O Memorial está a ser construído e a AD pô-lo-á a funcionar.

Lançou a ideia e as sementes do turismo histórico-cultural à volta de Guiledge e em Tombali, assim como na cidade e região de Cacheu. Como um dos mecanismos de vulgarização da História e da Cultura, que une os guineenses e aproxima os povos. Turismo da memória e da conservação do património guineense, apropriado pelas próprias

comunidades. Mas também turismo como oportunidade económica moderna para a melhoria dos rendimentos das pessoas dessas terras tão guineenses, tantas vezes esperanças e tantas vezes defraudadas e esquecidas.

Para o Pepito, o Homem é um todo e esteve sempre presente em tudo o que ele fez. O Homem, do mais abstrato ao mais concreto. Da Nação, à Comunidade e ao Indivíduo. Por opção e na prática de todos os dias, esteve sempre próximo dos mais humildes, necessitados e desprotegidos. Com uma atenção e um carinho muito especiais para as mulheres, jovens e crianças. Milhares de camponeses e moradores de centros rurais e urbanos sentiram o impacto da sua obra.

Impulsionou e dirigiu pessoalmente a criação ou restauração e equipamento de cinco centros de saúde em Iemberém, Cabedú, Bissau, Ialé e S. Domingos além de mais de duas dezenas de unidades de saúde de base nas regiões de Tombali e Cacheu. O Pepito garantiu pessoalmente que dezenas de pessoas fossem tratadas nos hospitais de Bissau e do Senegal. Em Ziguinchor, havia mesmo um “médico da AD”. O pessoal do DEPA e da AD, homens e mulheres de associações e agrupamentos com quem trabalhava eram parte da sua família. Tratava-os como família.

Sempre se colocou ao lado dos camponeses e do desenvolvimento rural. Defendeu, veementemente e sem ambiguidades o campo, sempre que preterido pelas cidades, simplesmente ignorado ou vítima de más vontades e más políticas. Ao mesmo tempo, compreendeu o imperativo de acasalar o desenvolvimento rural com o desenvolvimento urbano. Para o Pepito, o desenvolvimento urbano é o contrário do crescimento excessivo e anárquico da capital ou de um número reduzido de cidades com todas as consequências nefastas que sabemos.

O desenvolvimento urbano como o rural é a resolução dos problemas das pessoas, é igual oportunidade para todos. Levou a AD a apreender o papel e o lugar dos centros urbanos secundários na modernização da agricultura e no progresso do mundo rural e do próprio país. A prova está em Iemberém, Bairro de Quelélé, Ingoré, S. Domingos e Cacheu. Iemberém passou de uma simples aldeia situada “algures” no Sul distante e encravado, a um pólo de desenvolvimento, com a sua rua principal rua eletrificada, a sua hotelaria, o seu comércio e as suas estações de rádio e de televisão.

Quando mudou para Quelélé em 1992, disse aos seus amigos e colegas mais próximos que *não podia só morar no Bairro tinha que fazer algo por ele*. Disse a mesma coisa de Varela quando decidiu construir lá uma casa. Para ele, Varela não era só um lugar de praia e lazer. Varela e a sua região eram, com as suas necessidades, oportunidades de desenvolvimento. O Pepito assim entendeu e agiu em consequência, como se pode ver nos centros de saúde, nas escolas, na orizicultura, horticultura, pescas, salicultura moderna...

Incêndios de casas eram coisa corrente em Quelélé. Depois de uma dessas catástrofes, a AD forneceu chapas de zinco para a cobertura de mais de 1200 casas no Bairro. Se hoje não há palhotas e incêndios no nosso Bairro, o Pepito para tal contribuiu. Isso foi feito numa situação de emergência, mas o Pepito considerou que se devia fazer mais no quadro de uma iniciativa para melhorar o habitat. Nessa linha de pensamento, orientou a AD para

apoiar a melhoria das casas através do fornecimento de materiais e micro-crédito assim como aconselhamento adequado.

Assumi, de um modo coerente e sem demagogias, que o desenvolvimento devia estar nas mãos das próprias comunidades. Ele não tinha nenhuma dúvida quanto ao valor da liderança, tanto técnica como social, económica e política, na transformação da Sociedade. Mas acreditava também na ação coletiva e no movimento associativo urbano e rural. Dotado de um carisma excepcional, aliado a uma capacidade de realização impressionante, o Pepito mobilizava pessoas, grupos e comunidades. Impulsionou a criação da primeira associação de moradores de toda a Guiné-Bissau, a Associação dos Moradores de Quelélé. A própria Rede das Associações dos Moradores de Bissau tem a marca do Pepito. No mundo rural, são mais de 120 associações e agrupamentos.

Colocou os jovens no centro das suas preocupações. Quadros ou simples jovens das tabancas ou bairros populares. Foi um tremendo formador de homens e defendeu que a formação e a capacitação são um dos pilares para o emprego e o trabalho decente. Ainda no DEPA, facilitou a formação e a reciclagem de várias dezenas de quadros no país e no estrangeiro. Técnicos do DEPA aprenderam no país e no Burkina Faso, Senegal, Libéria, Serra Leoa, Costa do Marfim, Nigéria, Camarões, Europa, Estados Unidos, México, Brasil, Filipinas, Para citar só alguns lugares. Camponeses aprenderam com técnicos e vulgarizadores, mas também com outros camponeses, nacionais ou dos países vizinhos.

Indivíduos com baixo nível de instrução inicial, mas com real vontade de aprender, subiram escalões de conhecimentos, responsabilidades, rendimentos e estatuto social. A Escola de Artes e Ofícios de Quelélé tem formado dezenas de profissionais em várias áreas e a grande maioria tem emprego, incluindo por iniciativa própria de auto-emprego. A reputação dos formados na EAO não precisa mais de ser demonstrada. A enorme procura por esses jovens homens e mulheres fala por si.

Pode-se visitar em Quelélé o Centro de Animação Infantil, em Ingoré e S. Domingos jardins-escolas, provas de que no Pepito não descuro as crianças. Conseguiu pôr à disposição de crianças de famílias desfavorecidas instrumentos para o desabrochar e desenvolvimento de uma personalidade saudável e radiante, para uma vida melhor que a dos seus pais e avós. O Pepito deixou marca por todo o lado por onde passou. Centenas de jovens e crianças do Bairro de Quelélé recebem hoje aulas de educação física e praticam desporto diariamente no Campo Polivalente e no Campo de Futebol que a AD construiu em Quelélé.

Quelélé foi também pioneira em várias outras áreas. Uma delas e que atesta do carácter visionário do Pepito, é a criação da Rádio Voz de Quelélé, a primeira das rádios não estatais no nosso país. Entre as muitas coisas que a estação tem feito, salientamos a sua implicação decisiva na prevenção da cólera em 1993 que fez de Quelélé o Bairro menos afetado pela epidemia.

Hoje, as rádios comunitárias, comerciais e outras, fazem parte do quotidiano dos guineenses da capital e das regiões. Todas elas devem, sem o saberem, algo ao Pepito. O nosso país conta hoje com 32 rádios comunitárias e 4 TV comunitárias, coordenadas pela Rede Nacional das Rádios e Televisões Comunitárias da Guiné-Bissau (RENARC), cuja sede se encontra no complexo da AD em Quelélé.

A TV Klélé, é a primeira estação de televisão comunitária do país. Mais uma vez, a tradução da visão do Pepito. Para muitos, as TV comunitárias ainda parecem um sonho inacessível. Daqui a poucos anos, as TV comunitárias serão uma realidade nos ecrãs de televisão das famílias guineenses. A TV Klélé, A TV Lamparan em Iemberém, a TV Bagunda em S. Domingos e a TV Pris Utchak em Canchungo existem e têm um potencial enorme de transformação e modernização da Sociedade em todos os seus aspetos. Os filmes e vídeos de grande qualidade já produzidos e as emissões em câmara aberta atestam, mais uma vez, da justeza da iniciativa do Pepito. A TV Klélé foi galardoada num concurso internacional realizado na Eslováquia em 2013.

Para o Pepito, a comunicação social comunitária é o direito moral das pessoas falarem por si próprios, defenderem os seus interesses e os seus pontos de vista. É também um instrumento de participação das diferentes comunidades rurais e urbanas na vida pública, tanto no seu seio, como no seio da Nação. É uma contribuição indispensável para a solução dos problemas e ao desenvolvimento do país do seu todo.

Pelas opções que assumiu e praticou, a vida e a obra do Pepito confundiram-se com as esperanças e a luta dos guineenses por uma vida digna, mais justa e solidária. Nunca solicitou ou esperou nada em troca: nem dinheiro, poder, prestígio ou qualquer outra compensação. Pôs ao serviço dos outros tudo o que tinha como ser humano. A sua generosidade para com as pessoas e para com o país não tinha limites e constitui a explicação mais cabal do seu profundo engajamento pessoal. Compromisso que nem o cansaço, as múltiplas dificuldades, assaltos armados ao seu domicílio e tantos outros ataques traiçoeiros foram capazes de enfraquecer ou interromper. Só a Morte!

O Pepito foi um Grande Guineense. O seu exemplo é o seu maior legado.

José Filipe Fonseca
Bissau, Fevereiro de 2015